



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

A construção da identidade de grupos étnicos minoritários: o grupo Kilombo e a identidade negra em Natal¹

Florence Dravet

Professora dos Cursos de comunicação da Universidade Potiguar – UnP

Em co-autoria com:

Ana Edite Ulisses Leite

Paulo Eduardo Freire Segundo

(Alunos de iniciação científica do Curso de Jornalismo, 2º ano)

O estudo da construção da identidade de um grupo étnico minoritário, no caso os negros da organização Kilombo em Natal, leva-nos a discutir a noção de etnicidade e suas ligações com a comunicação como campo de estudo. Numa perspectiva não culturalista das relações humanas, acreditamos que os grupos se definem a partir do momento em que estão inseridos em um processo de comunicação com outros grupos; processo este que os leva à necessidade de afirmar-se enquanto grupo. Procederemos a um estudo do texto de BARTH que fundamenta a maioria das pesquisas de campo de antropólogos em sociedades pluriétnicas e levantaremos pistas de investigação para a nossa pesquisa que levem em conta o processo de comunicação enquanto fator determinante da identificação e representação sobre os grupos ditos étnicos.

Palavras chaves: Etnia, Identidade, Negros

Este trabalho insere-se em uma pesquisa desenvolvida no Núcleo de Pesquisa em Comunicação (NUPEC) da Universidade Potiguar em Natal, sobre a construção da identidade de um grupo étnico minoritário, no caso os negros na sociedade natalense. Para tal estudo, toma-se como referência o discurso do grupo Kilombo, Organização Negra do Rio Grande do Norte, único grupo organizado em Natal que “luta contra a

¹ Trabalho apresentado no NP13 – Núcleo de Pesquisa Comunicação e Cultura das Minorias, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

discriminação racial em todas as suas manifestações”. Entre seus objetivos, destacamos dois que nos parecem apontar para uma potencial identidade negra: “Sensibilizar os afro-descendentes a assumirem sua raça e cultura, despertando os negros(as) a ter a negritude como um valor de auto-estima” e “Realizar e divulgar estudos e pesquisas acerca da herança histórica e da realidade contemporânea dos(as) negros e negras no contexto da sociedade brasileira, nordestina e norte-riograndense”. O grupo Kilombo, apesar de pouco numeroso e pouco divulgado é um grupo bastante organizado para constituir um exemplo de construção de identidade de grupo étnico minoritário. Considera-se ainda que, por estar em contato com grupos culturais como grupos de folclore, de dança, de música negra e com comunidades rurais negras no interior do Estado é potencialmente mais forte de que parece. O objetivo deste trabalho é mostrar como os estudos antropológicos sobre fenômenos culturais, freqüentemente associados a pertencimentos culturais, dependem de uma compreensão dos fenômenos de comunicação subjacentes. Iniciamos então a nossa pesquisa com uma discussão sobre a noção de etnicidade, partindo da concepção de BARTH (1969/1997) e tendo como preocupação a de não cristalizar grupos em definições e descrições de tendências “culturalistas”.

O culturalismo (ABDALLAH-PRETCEILLE, 1986) ao qual nos referimos aqui distingue-se da escola norte-americana de Antropologia Cultural também chamada de culturalismo. É uma tendência de estudos que têm a cultura como objeto, que se desenvolveu não só na etnologia americana mas também no seio da etnologia francesa. O próprio LÉVI-STRAUSS recorre à descrição etnográfica; porém, a concebe como um meio e não como um fim. Com efeito, o fim para ele é o conhecimento do homem e a reflexão filosófica. Ele postula diferenças entre as culturas que são complementares e que permitem perceber características comuns a todo ser humano: o inconsciente coletivo do espírito humano. Porém, o fundador da antropologia estrutural mantém-se muito apegado a uma concepção da cultura como sistema de elementos solidários, a modificação de um deles implicando a transformação do todo. Isto é revisto pelos antropólogos da modernidade, particularmente por BALANDIER (1974) e AUGÉ (1992) que percebem a cultura como um processo do qual os indivíduos tomam parte,



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

sendo produtores de seus múltiplos pertencimentos culturais e autores de estratégias que permitem usá-los. Nesta concepção, as culturas somente podem ser apreendidas nas suas dimensões plurais e dinâmicas, sendo então consideradas como parte do processo de comunicação entre os indivíduos.

A noção de etnicidade, nova no pensamento antropológico francês apesar de bastante desenvolvida e debatida no mundo anglo-saxão, apresenta-se como uma noção necessária e imprescindível nas sociedades multiculturais atuais. Perguntamo-nos se ela não implica também a adesão a esse movimento de tendência culturalista que domina hoje o pensamento sobre as culturas e as identidades culturais. Vejamos primeiro a história do termo.

A princípio, o termo etnia era reservado aos grupos a-políticos (para os gregos, oposição entre *ethnos* e *polis*) que por conseguinte não poderiam ser sujeitos de sua própria história. A conotação negativa do termo se perpetuou : na tradição eclesiástica, *ethnos* é tudo que não é cristão. Somente no século XIX, os pensadores retomam o termo etnia para se referir a uma problemática racial. VACHER (1854) introduz o termo pela primeira vez na literatura de língua francesa, no sentido de mistura de culturas por coabitação prolongada. A noção foi utilizada na formação das idéias racistas da África do Sul e de exclusão das minorias na antiga URSS. As diversas concepções do termo mostram que aparece um certo número de critérios comuns tais como : língua, espaço, costumes, valores, nome, ascendência comum, e consciência que os atores têm de pertencerem a um mesmo grupo. A existência de uma etnia corresponderia, pois, à coincidência destes diferentes critérios. Mas encontra-se fortemente dependente da concepção de Estado-Nação que domina a organização social e o pensamento europeu. Confortados nessa idéia, muitos etnólogos fizeram o seu trabalho, em comum acordo com as políticas dos administradores das colônias africanas e asiáticas, cuja meta principal era a identificação de raças. Ficou claro o caráter etnocêntrico desta concepção de etnia. Felizmente, alguns pesquisadores chamaram a atenção sobre a inadequação do conceito com a realidade observada em campo. WEBER foi um dos primeiros a apontar os perigos que representava a utilização da noção de grupos étnicos na ausência de uma análise histórica e sociológica concreta da consciência que um grupo adquire de si



mesmo num período e lugar determinados. A etnia aparece então como uma construção de identidade elaborada por uma população, permitindo o agrupamento de agentes que se reconhecem através da ficção de origens comuns e usam patrônimos, nomes de clãs ou de linhagens como elementos de resistência a diversas situações políticas. Neste ponto de vista, não existem etnias no sentido de entidades homogêneas racialmente, lingüisticamente e culturalmente.

O antropólogo que deu uma definição mais precisa da polêmica noção de etnia é BARTH. Refere-se às concepções anteriores às suas, definindo-as assim:

“o termo grupo étnico serve geralmente, na literatura antropológica, para designar uma população com grande autonomia de reprodução biológica, que compartilha valores culturais fundamentais que se atualizam em formas culturais com unidade patente, que constitui um campo de comunicação e interação, que tem um modo de pertencer cultural que o distingue e que é distinguido pelos outros enquanto constitui uma categoria distinta das outras do mesmo tipo.” (pp. 189-190)

O próprio BARTH recusa-se a adotar tal visão culturalista das sociedades quando escreve o seu texto “Grupos étnicos e suas fronteiras”, considerando que “pretendendo propiciar um modelo ideal típico de uma forma empírica recorrente, ela implica um ponto de vista preconcebido a respeito dos fatores significativos quanto à gênese, estrutura e função de tais grupos.”(p. 190) O aspecto da atribuição é o mais importante para ele, pois, na medida em que os atores utilizam identidades étnicas para se categorizar a si mesmos e aos outros com objetivos de interações, formam grupos étnicos no sentido organizacional do termo. Mostraremos agora, portanto, a relação feita por BARTH entre a identificação étnica e a comunicação e interação entre grupos, onde o autor insiste na importância que se deve dar à manutenção das fronteiras.

Os membros de um grupo étnico dividem a mesma cultura e interagem com outros, estabelecendo uma forma de comunicação com eles. Isso se opõe à idéia segundo a qual cada sociedade irá viver isoladamente com sua própria cultura e com



seus próprios valores. A respeito dessa concepção de grupos étnicos homogêneos e isolados, BARTH considera: “Esta história produziu um mundo de povos separados, cada um com sua cultura própria e organizado numa sociedade que podemos legitimamente isolar para descrevê-la como se fosse uma ilha” (1997: 190). Porém, a interação entre os grupos não leva a uma unificação deles e sim a variações culturais. E mesmo com a comunicação existente entre eles sempre há uma grande resistência à assimilação cultural; o dinamismo decorrente do processo de comunicação dos grupos causando assim a complexidade étnica.

O contato entre os grupos pode levar a um processo de aculturação de um deles. Com essa idéia, a relação passa a ser considerada negativa. Porém, na maioria das vezes, o contato em vez de provocar a aculturação, provoca o reforço das identidades. BARTH mostra 11 grupos (os Pathans, os Chuckchees, os Lapões, os Noruegueses, os Asiáticos, os Baluquistões, os Yaos, os Furs, os Baggaras, os Gallas, os grupos párias europeus) com os quais os contatos provocam uma necessidade de reforçar os limites de cada grupo. Na maioria das vezes, o grupo se mantém, mesmo com o fluxo de pessoas de um grupo para o outro, apesar da dependência que pode acontecer entre eles. “As diferenças culturais podem permanecer apesar do contato interétnico e da interdependência dos grupos” (p.188). O indivíduo, nesse contato, teme agir de maneira contrária à sua identidade, com isto reluta a comportar-se de maneira diferente. Isto ocorre porque ele não quer ser julgado como sendo participante de um outro grupo. “Os membros de todos os grupos étnicos de uma sociedade poliétnica atuam para a manutenção das dicotomias e diferenças” (1997: 200).

Existem também casos dentro de um mesmo grupo em que aparecem subgrupos diferentes devido à questão ecológica. Nesse caso, o meio é quem interfere no modo de agir dos indivíduos, fazendo com que eles possam ser considerados diferentes dos demais membros do grupo que são atingidos por outros fatores ecológicos. É através de explicações das causas desta maneira de agir diferente que se torna possível provar a este grupo que eles podem continuar pertencendo ao mesmo grupo étnico. Como exemplo disto, BARTH cita os pathans:

“Pelos valores básicos dos pathans, um pathan do sul, proveniente das áreas montanhosas, homogêneas e de



linhagem organizada, só pode achar o comportamento dos pathans do Swat tão diferente e repreensível em comparação com seus próprios valores, que ele chega a dizer que seus irmãos do norte “não são mais pathans”. De fato, segundo critérios “objetivos”, seu padrão manifesto de organização parece estar muito mais próximo aos dos punjabis. Mais foi-me possível, explicando as circunstâncias no norte, fazer com que os pathans sulistas concordassem em que os do norte continuavam sendo de fato pathans e admitissem com relutância que, sob as mesmas circunstâncias, eles poderiam de fato agir da mesma maneira.” (1997: 192)

Vemos portanto que na concepção etnicista é preciso, com o contato entre grupos, que as fronteiras se definam. Mas, como BARTH também afirma, para que as interações aconteçam, também é preciso que haja um código comum, implicando em prescrições e proscricões. Tal concepção das relações entre o que BARTH chama de grupos étnicos, implica em duas consequências para um estudo da construção da identidade de grupos étnicos como os negros na sociedade natalense.

O grupo dos negros designado pela organização Kilombo está procedendo a uma verdadeira construção identitária já que, na sociedade natalense, o negro não existe enquanto grupo, não conhecendo suas fronteiras e tendo poucos elementos sobre sua história comum, tanto no que diz respeito à história fatural como à história mítica.

“Porque a forma como é colocada a história do Brasil, ela não contempla a população negra como deveria, sobre o nosso ponto de vista, sobre o nosso olhar. E falta formação para os professores; os professores não sabem o que falar, a não ser aquela reprodução do que foi a Princesa Isabel, o que foi a Lei áurea, que a gente contesta veementemente. Nós temos uma outra história.”



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Para nós essa outra história é a verdadeira, temos heróis e heroínas, como Zumbi dos Palmares, Contirene, Dandaró que para nós são as referências, reafirmamos o dia 20 de novembro, data da morte de Zumbi que é nosso líder maior, e não Princesa Isabel”

Os próprios membros do grupo são unânimes em afirmar que só vieram a ter consciência de sua cor e de seu pertencimento ao grupo dos negros bem tarde:

Só sabia que eu era negra, assim quando as pessoas, quando eu fazia alguma coisa e a pessoa não gostava de mim dizia: “aquela nega safada, aquela nega exibida, aquela nega é atrevida”, mas sempre por trás. Na frente, era moreninha: “você é moreninha, você é cor de jambo, você é tudo menos negra”. Só se referiam a mim como negra quando sentiam raiva, quando eu brigava na escola;

Os dois objetivos apontados inicialmente como representativos do discurso de construção identitária são parte dessa necessidade de se unir enquanto grupo, em torno de uma história e de símbolos identitários. Consideramos esta necessidade observada como fruto de um processo de comunicação em que, para alguns membros de um determinado grupo, o não reconhecimento de sua origem e de sua cultura causa, mais do que rejeição e desprezo, a negação da própria existência. Como um negro pode viver em uma sociedade dita igualitária e democrática se o seu pertencimento não é reconhecido enquanto tal?

Para prosseguir com a nossa pesquisa, temos duas pistas de investigação que dizem respeito ao processo de comunicação entre grupos dentro de uma sociedade. A primeira é o acompanhamento dos meios utilizados pelo grupo Kilombo para proceder a essa construção de identidade, e o seu impacto junto à sociedade e aos indivíduos diretamente envolvidos no processo.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

A segunda diz respeito à mídia como fator importante na construção da identidade. Será que a mídia, nos dias atuais, assume um papel satisfatório em relação às questões étnicas? Possivelmente a mídia pode agir como um reforço às diferenças entre os grupos étnicos, colocando pontos que caracterizam a identidade do indivíduo. Usando assim “sinais ou signos manifestos – os traços diacríticos que as pessoas procuram e exibem para demonstrar a sua identidade, tais como vestuário, a língua, a moradia, ou o estilo geral de vida” (1997: 194), pode estar contribuindo para a formação de estereótipos e representações preconceituosas assim como pode contribuir para a valorização de um grupo. A mídia tem portanto um papel fundamental no processo de construção da identidade de um grupo como o dos negros em Natal.

Referências bibliográficas

ABDALLAH-PRETCEILLE, M. *Vers une pédagogie interculturelle*, Paris: Anthropos, 1986.

AUGÉ, M. *Non-lieux - Introduction à une anthropologie de la sur-modernité*, Paris: Aubier, 1992.

BALANDIER, G. *Anthropo-logiques*, Paris: Librairie Générale Française, 1974.

BARTH, F. *Grupos étnicos e suas fronteiras*, SP: UNESP, 1998 (Ed.original 1969)

VACHER, G. *Les sélections sociales*, Paris: Thorin et fils, 1896.